

O Homem Que Roubou Portugal

Rubem Braga

EU conhecia a história por um artigo de «Seleções», acho que resumo deste mesmo livro: «O Homem que Roubou Portugal». Mas a história é dessas que a gente quer saber em todas as minúcias para poder entender como foi possível acontecer coisa tão fantástica: um homem conseguiu ter em mãos (êle e seu grupo) cerca de um sexto do dinheiro existente em Portugal, fazendo circular notas impressas na mesma casa, com as mesmas matrizes das notas autênticas.

O autor, Murrey Teigh Bloor, faz uma reportagem, excelente, fruto de longas pesquisas, incluindo a biografia de cada uma das pessoas envolvidas no escândalo. A figura central do livro é Artur Virgílio Alves Reis, um desses vigaristas tão imaginativos e com uma capacidade tão genial de convencer as pessoas que a gente se pergunta o que êle não faria se adotasse a política da honestidade — pelo menos de uma honestidade formal. Aos 20 anos, quando parte para Angola recém-casado, leva consigo um diploma Polytechnic School of Engineering da Universidade de Oxford, um diploma perfeito, registrado em cartório, com todas as firmas reconhecidas, carimbos e sinêtes — de uma escola que jamais existiu. Aqui eu me pergunto: se no lugar de ter feito apenas um ano de uma escola prática de engenharia êle tivesse feito todo o curso e misturado a atividade política a seus golpes financeiros, quem sabe qual seria a sua história?

O autor do livro lembra que a maioria dos criminosos cultos dos tempos modernos opera de dentro para fora, utilizando uma posição de confiança para perpetrar suas fraudes e furtos, citando, a propósito, Philip Música, presidente de McKesson & Robbins, Ivan Kreuger, o Rei do Fósforo, e Anthony de Angelis, o grande diretor da Empresa de Óleos Para Saladas que lesou firmas financeiras de Nova Iorque e Londres em mais de 150 milhões de dólares; poderia, se o livro fosse mais recente, citar o golpe da Manesmann no Brasil, que é de um cinismo exemplar, e um dia certamente dará outro livro fascinante. Alves Reis foi o maior que todos êsses: preso devido a estrepolias financeiras, foi na cadeia que imaginou e estudou o golpe singular de fazer emissões particulares de notas autênticas.

A tradução, de Heitor P. Fróes, é editada por José Olympio; o livro é desses que agarram o leitor da primeira à última página. É interessante notar que em 1947 êsse Alves Reis esteve no Brasil, às voltas com uma compra de 83.000 sacos de arroz. Mas a leitura não é apenas divertida: é também instrutiva, pois mostra os grandes erros que a opinião pública e a própria Justiça podem cometer em um caso desses: Alves Reis chegou a mandar para a cadeia, com suas declarações, o presidente e o vice-presidente do Banco de Portugal, que eram completamente inocentes...

DN 9. 3. 68